

O Navio Fantasma

ALEX BITTEN

1ª Edição



INTRÉPIDA

São Paulo
2019

O Navio Fantasma

de Alex Bitten

Editor

Eldes Saullo

Revisão

Triza Marsallo

Projeto Gráfico e Editorial

Casa do Escritor

O Navio Fantasma

– 1ª Edição

ISBN: 9781719056939

Bitten, Alex – São Paulo: 2017

1. Ficção 2. Romance Histórico

Reservados todos os direitos. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme, processo fotomecânico ou eletrônico sem permissão expressa do autor.

Nem todas as histórias são contadas
como realmente aconteceram...

Nem todos os segredos sobre a vida
são revelados aos homens...

Prefácio

Por mais assombroso que possa parecer, os fatos descritos neste livro são reais, e foram descobertos no diário de um médico europeu cuja nacionalidade jamais poderá ser revelada.

O diário revela um inexplicável mistério: as aparições de um navio de guerra que teria naufragado com toda a tripulação. Para poder publicar esta história, os nomes de lugares e de seus protagonistas foram alterados, e suas nacionalidades foram omitidas para evitar qualquer referência sobre os fatos narrados.

O poderoso Vingador do Mares tinha sido projetado e construído para caçar piratas que infestavam as rotas de navegação comercial entre dois reinos, mas acabou sendo caçado e afundado na maior operação naval já realizada na história até aquele momento.

Ninguém jamais conseguiu explicar o que levou o Capitão Átila e sua tripulação a enlouquecerem. Os marinheiros mais experientes acreditavam que eles haviam feito um pacto com o demônio, mas não

cumpriram o acordo, e por isso foram condenados a loucura e a perdição eterna.

A maldição começou muitos anos depois de ter sido afundado, o Vingador dos Mares foi avistado por marinheiros de diversas embarcações, cujos capitães registraram essas aparições em seus diários de bordo, que acabaram sendo confiscados pela Marinha a fim de manterem seus relatos em segredo.

Até agora.

Inexplicável

— Já faz nove anos.

O marinheiro colocou as mãos na amurada e olhou para o horizonte tentando enxergar alguma coisa, mas tudo o que conseguia ver era a bruma densa do forte nevoeiro, que vez por outra se abria permitindo ver o mar apenas algumas dezenas de metros.

O homem então semicerrou os olhos e ficou respirando pausadamente para sentir o cheiro do oceano que inebria e apaixona os homens desde o início dos tempos. Os cabelos grisalhos já meio amarelados devido à forte exposição ao sol, os olhos azuis como o mar, o rosto bronzeado e castigado pelo tempo e as mãos rudes demonstravam a dura lida diária da embarcação.

As velas estavam recolhidas nos mastros e havia apenas uma leve brisa, que ia empurrando lentamente o navio para frente. O mar estava calmo, parecendo um grande lago, sem nenhuma ondulação.

Ouviam-se apenas os estalos e o rangido das amarras que seguravam os três grandes mastros, prendendo-os no convés. Era um

grande vaso de guerra, um dos maiores do Reino. Possuía duas linhas de canhões, uma tripulação bastante treinada e um capitão com grande experiência.

— Foi que aconteceu. — Disse para si mesmo.

O homem era um dos oficiais do navio, responsável pelo grupo de marinheiros que cuidava das velas e amarras.

Observou os três marinheiros que estavam na proa, fazendo o turno de guarda. Eles se movimentavam silenciosos, de cabeça baixa, parecendo evitar olhar para o nevoeiro, como se pressentissem algo ruim pairando no ar.

A lua estava encoberta por algumas nuvens, dando às águas um leve tom esbranquiçado.

Calmamente, o navio ia avançando.

— Noite calma. — disse um jovem Oficial aproximando-se.

— Sim. — respondeu o outro. — calma até demais.

— Desde que entramos nestas águas e passamos pela Ilha da Morte, nos deparamos com este maldito nevoeiro e esta calmaria. Às vezes parece que estamos andando em círculos.

— Não estamos andando em círculos.

— Não?

Sem tirar os olhos do mar, o velho marinheiro limitou-se a responder.

— Estamos sendo atraídos por alguma coisa.

Naquele momento, um calafrio percorreu a espinha do jovem marinheiro, como se um vento gelado o atingisse nas costas. Em seguida, para quebrar o clima tenso que havia se formado, forçou uma leve gargalhada.

— Não diga isso, senhor Cuninghan, não vai me dizer que acredita na história do Vingador dos Mares!

O velho marinheiro encarou o jovem.

— E não é para isto que estamos aqui? Para desvendar esta história?

— Não, meu caro amigo. — disse o jovem, colocando uma das mãos em seu ombro demonstrando segurança. — Estamos aqui para pegar os malditos piratas que estão atacando os nossos navios e matando toda a tripulação. Foram eles que inventaram essa história absurda sobre o navio fantasma. Eu não tenho dúvida de que tudo não

passa de uma invenção, para ser contada nas tavernas em noites frias de inverno. Mas no fundo, trata-se de piratas, apenas piratas.

O velho esboçou um sorriso.

— Juventude, sempre a juventude. Se fossem piratas, meu bom rapaz, por que matar todos os tripulantes? Esse tipo de atitude somente irá desviar os principais navios mercantes desta rota e trazer mais navios militares como o nosso para proteger as embarcações. Piratas podem ser cruéis, isso eu não tenho dúvidas, mas não são idiotas, eles jamais afastariam os navios mercantes. Não, meu caro, posso apostar uma semana de boas noitadas no porto de Slaythom que não se trata de piratas.

— Mas senhor Cuninghan, não pode ser o Vingador dos Mares, ele foi afundado há nove anos e vários marinheiros testemunharam o afundamento.

O oficial Cuninghan não disse nada, apenas olhou para o mar enevoado.

— Isso é o que foi dito nos relatórios oficiais.

— Mas o que o senhor está dizendo?

— Senhor Adams, nenhum marinheiro jamais chegou a ver aquele navio amaldiçoado afundar.

— Mas o que está dizendo! Como pode afirmar algo assim? A não ser que... Meu Deus! É claro! O senhor estava lá?

Houve um breve silêncio entre os dois homens.

— Os gritos daqueles homens condenados ecoam na minha mente até hoje. Era uma tripulação composta somente de lobos do mar, comandando a máquina de guerra mais poderosa que o homem já criou e que já cruzou os mares, e o seu capitão, o destemido Capitão Átila, era o homem mais valente que já ocupou tal posto em todo o Reino.

O jovem marinheiro estava atônito com a revelação e estava curioso em saber os detalhes da famosa batalha.

— O senhor esteve lá? Quero dizer: lutou contra o Vingador dos Mares?

O velho marinheiro balançou afirmativamente a cabeça:

— Sim, eu e mais quatro marinheiros que estão neste navio também lutaram, mas ninguém gosta de comentar sobre o que aconteceu — Fez uma pausa — Senhor Adams, gostaria de saber o que realmente aconteceu?

— Mas é claro!

Nós o procuramos por dois meses, numa caçada sem trégua, encontrando o rastro de destruição que ele deixava. Navios a deriva, repleto de cadáveres com os corpos desmembrados. Uma violência jamais vista, nem mesmo durante a guerra. Mas nós os caçamos, com os dez melhores navios de guerra do Reino, nós o caçamos sem descanso, como um animal selvagem enlouquecido, e finalmente o encontramos. — O marinheiro ficou em silêncio, lembrando toda a carga dramática que aquela história lhe causava. — Nós o encontramos aqui, senhor Adams, neste lugar.

— Não houve nenhuma comunicação com o navio?

— Foram feitas tentativas, mas o Vingador dos Mares não respondeu nenhuma delas. Nós o cercamos e houve uma grande batalha que durou quatro horas, enfrentando um Titã poderoso, que afundou quatro dos nossos navios.

O jovem olhava com ar assustado para o velho marinheiro que parecia refletir em seus olhos as chamas da batalha.

— Perdi muitos amigos naquele dia.

— Eu jamais poderia imaginar que o senhor havia participado da caçada ao Vingador dos Mares.

— Este navio em que estamos, — disse segurando a amurada com força. — Os Sete Mares, perdeu mais de trinta homens. Eu participei de vários combates durante a guerra, senhor Adams, mas nada pode se comparar como a batalha contra O Vingador dos Mares.

— Por que o senhor nunca comentou que participou da caçada ao navio?

— Quando os navios chegaram no porto com a notícia de que tínhamos vencido, o Almirantado expediu uma ordem para que os detalhes da batalha fossem mantidos no mais absoluto segredo, sob pena de enfrentar uma corte marcial. Mas isso não foi necessário, porque todos que estiveram naquela batalha evitavam conversar sobre o que havia acontecido. Nenhum de nós queria falar sobre a batalha contra nossos próprios companheiros, irmãos de armas.

— E hoje?

— Hoje, senhor Adams? — o velho marinheiro sorriu mostrando os poucos dentes amarelos que tinha na boca — Nós evitamos conversar sobre o que achamos, mas posso assegurar que a grande maioria acredita que o Vingador dos Mares voltou para nos buscar. Ele voltou do reino dos mortos para ter a sua vingança.

O jovem oficial ficou em silêncio, pensando nas palavras do velho marinheiro. Como teria sido doloroso enfrentar irmãos de armas, homens que haviam lutado lado a lado durante a guerra. Mas então lembrou-se de algo que ainda não havia perguntado.

— Mas se estava lá, como pode afirmar que nenhum marinheiro o viu afundar?

— Essa é a parte sombria da história, senhor Adams, mas eu lembro como se fosse ontem. O combate estava feroz, havia o barulho dos canhões, o cheiro pólvora se misturava ao a fumaça das embarcações em chamas. O senhor nunca participou de um combate e reze para que jamais entre em um. Os gritos dos feridos, o cheiro do sangue e os corpos espalhados pelo convés são coisas que eu não gostaria mais de presenciar.

O jovem estava interessado no relato no velho marinheiro e não nos seus desejos.

— Mas o que aconteceu?

— Quando O Serpente afundou após uma salva mortal desferida pelo Vingador dos mares, muitos de nós chegou a acreditar que seria impossível afundá-lo. A salva de canhões que ele disparava era precisa e mortal e não havia nenhuma embarcação que não tivesse sido atingida. O convés deste navio estava bastante avariado, havia lascas de madeira, cordas e muito sangue espalhado por todo lugar. Mas o comandante da frota, o Capitão Kurchov, ele não tinha medo do seu oponente e o atacou com força e fúria. E foi seu ato de coragem que fez com nós o seguíssemos. Nós reagrupamos o que sobrou da frota e finalmente conseguimos cercá-lo e atingi-lo seriamente. As baterias de canhões disparavam uma chuva de aço sobre o convés do Vingador dos Mares, que foi sendo destruído e perdendo a capacidade de reação. Foi então que aconteceu.

— O que aconteceu?

— Quando estávamos para desferir o golpe final, surgiu uma grande tempestade que o afastou de nós. Ondas de mais de dez metros caíam sobre o convés, atirando alguns homens ao mar. De repente, no meio da tripulação surgiu a lenda. Ninguém sabe ao certo que começou, mas alguém disse que devíamos abandonar a perseguição, porque o Capitão Átila havia feito um pacto com o demônio, e que havia invocado aquela tempestade para salvar o navio.

O jovem estava estarecido com aquelas revelações.

— Naquele momento estava nascendo a lenda.

— Eu jamais imaginei que tudo tinha acontecido dessa forma.

— Foi assim que aconteceu, senhor Adams, o Vingador dos Mares estava bastante avariado, tinha o velame, as amarras e o convés bastante danificados, mas o Capitão Átila comandava seu navio bastante avariado em meio a tempestade. Até mesmo eu cheguei a vê-lo agarrado ao timão, conduzindo seu navio durante a tempestade. O que restou de nossa esquadra perseguiu-o durante horas naquela tempestade infernal, como se ele estivesse nos levando para um lugar específico.

— E estava?

O marinheiro encarou o jovem nos olhos.

— Sim. De repente a tempestade parou, inesperada como havia começado, o vento e o mar se acalmaram com uma rapidez que, em todos a minha vida no mar, nunca tinha visto. A esquadra se reuniu para o confronto final, para derrotar de uma vez por todas o Vingador dos Mares. Quando finalmente conseguimos alcançá-lo, já estava anoitecendo. Foi quando um forte nevoeiro apareceu e o encobriu, fazendo desaparecer diante de nossos olhos. Nosso navio foi o primeiro a se aproximar do Vingador dos Mares, e seguindo as ordens do Capitão Wilford, disparamos com toda a banda direita, fazendo estremecer o convés sob nossos pés. As balas de dez, doze e dezoito polegadas atravessaram a neblina, mas parecerem não atingir nada. Nenhuma explosão, nenhuma madeira se partindo ou um grito de um homem ferido. Não ouvimos nada durante algum tempo. Foi então que ouvi os gritos mais aterrorizantes de toda minha vida.

O marinheiro fez uma pausa. Seus olhos ficaram inertes, como se estivesse revendo aquela cena.

— O que aconteceu em seguida, Mestre Cuninghan?

— O capitão deu ordens para cessar fogo. Tínhamos esperanças de levar os sobreviventes como prisioneiros. Ficamos ali durante longos minutos, ouvindo os gritos dos homens dentro da neblina.

O marinheiro baixou levemente a cabeça.

— Parecia que suas almas estavam sendo arrancadas de seus corpos. Ninguém se atreveu a lançar um bote na água e ir tentar ajudá-los. Todos ficaram ouvindo os gritos de horror, paralisados de medo.

— E o que aconteceu?

— Os gritos foram cessando e quando finalmente amanheceu, e a névoa se dissipou, não havia sinal do Vingador dos Mares. Ele havia desaparecido por completo. Não encontramos nenhum pedaço de madeira que pudesse indicar que ele tivesse afundado, e o senhor sabe tanto quanto eu a quantidade de madeira, pedaços de vela, barris e até mesmo corpos que um navio deixa quando afunda.

— Sim, eu sei.

— Mas não encontramos nada, senhor Adams, não encontramos nada.

Voltou a olhar o jovem marinheiro com um olhar de quem havia presenciado um mistério que estava além de sua compreensão.

O Vingador dos Mares desapareceu como se nunca tivesse existido.

— Mas é uma história incrível, senhor Cuninghan.

— Sim, é uma história incrível. E é a mais pura verdade, posso jurar pela minha honra.

O jovem, que até então observava as feições do velho marinheiro passou a olhar a névoa a frente do navio e de repente, empalideceu. Seu olhar estava fixo no mar. Lentamente, ele levantou a mão e apontou para a frente da proa.

— Meu Deus! Olhe!

O Mestre Cuninghan virou-se na direção em que a mão apontava e a cerca de cem metros, de dentro do nevoeiro surgia outra névoa, completamente diferente. Tinha cor esverdeada brilhante que a diferenciava completamente da névoa cinzenta.

Vinha na direção do navio.

O olhar fixo dos dois homens passou para perplexidade quando, da estranha névoa, surgiu uma proa. Pelo tamanho, podia-se claramente concluir que era um grande navio, com um casco de cor escura. Estava bastante avariado, com pedaços de algas presos tanto na proa como nas laterais do navio. Surgiram os mastros, imponentes, mas com as amarras arrebitadas e o velame, que ainda estava preso, mostrava vários rasgos. Com a proximidade do navio foi possível perceber que havia uma espécie de musgo negro que cobria as amarras. Também não havia nenhuma luz acesa, e a estranha aparição não emitia nenhum som característico de um navio em movimento, como o som do velame empurrado pelo vento, as madeiras rangendo ou mesmo as conversas da tripulação.

O navio não emitia nenhum som.

A névoa continuava cobrindo o navio, dificultando qualquer tentativa de observá-lo melhor, e os marinheiros acharam que era como se ela o acompanhasse.

O jovem ficou completamente paralisado.

O velho marinheiro reconheceu de imediato o estranho navio que se aproximava. Ele segurou firme a amurada, sentiu que poderia gritar, dar um alerta para a tripulação, alertar a infantaria, mas a resignação tomou conta de sua mente, porque sabia que todos estavam perdidos, e a única coisa que conseguiu fazer foi baixar lentamente a cabeça e murmurar:

— Eles vieram se vingar. Meu Deus, faça com que eu tenha uma morte rápida.

Os navios chocaram-se lateralmente. A névoa envolveu-os. Ouviram-se inicialmente os gritos de alerta das sentinelas, despertando os oficiais, que passaram a dar ordens a seus comandados. Aquele era um navio de guerra e toda a tripulação era experiente e tinham experiência em combate, a maior era composta de veteranos da guerra que havia acontecido alguns anos atrás.

— Atenção, Infantaria!

— Preparar para enfrentar abordagem!

Gritos e ordens sucediam-se. Pesados passos caminhavam em várias direções no convés, porque como em uma dança treinada a exaustão, todos buscavam ficar em seus lugares. Aquele era um navio comandado por um experiente capitão, herói da guerra comandando veteranos, uma alcateia de lobos, como costumavam autodenominar-se.

O roçar de cordas e de ganchos sendo presos à lateral do navio deixaram os homens alarmados, indicando que uma abordagem viria em seguida e em meio a névoa ouviu-se claramente o som de tiros de pistolas e mosquetes, mas nenhum grito foi ouvido, indicando o acerto dos disparos.

De repente, mais nenhum som se ouviu, e um pesado silêncio caiu sobre as duas embarcações.

Um urro quebrou o silêncio. Vários outros o acompanharam. Não eram sons emitidos pelos marinheiros do navio, e não lembravam em nada a voz humana.

Em seguida, gritos desesperados dos marinheiros foram ouvidos por todo o navio.

— Perdoai por nossos pecados!

— Proteja minha alma!

As vozes eram de desespero, palavras impossíveis de se imaginar serem proferidas por homens experientes em combate. Podia-se distinguir também, em meio aos sons de metal contra metal, o choque de espadas e alguns disparos de pistolas e fuzis. Havia uma forte luta no convés, mas a névoa não permitira ver contra quem eles estavam lutando.

Preces, frases de despedida e outras sem nenhum sentido eram levadas pela brisa.

Os gritos do combate se prologaram por vários minutos, parecendo uma eternidade, mas junto com eles sobressaiam-se urros e gargalhadas sobrenaturais. O tinir de espadas se chocando era intenso, indicando que o combate aumentara suas proporções. Também aumentou o número de vozes pedindo socorro e clemência. O que quer que estivesse atacando aqueles homens era algo terrível e mortal, e os homens mais corajosos haviam perdido sua coragem diante do ataque sobrenatural.

O som de corpos caindo na água, para serem atacados e devorados pelos tubarões que infestavam aquela região, só aumentava o horror daqueles momentos que pareciam intermináveis.

Lentamente os gritos de desespero foram diminuindo até cessarem completamente.

Apenas o barulho de golpes de espada continuou por longo tempo, bem como os gritos e uivos ensandecidos.

Uma hora depois a névoa esverdeada colocou-se em movimento e afastou-se do navio, e finalmente Os Sete Mares pôde novamente ser visto.

Nada se movia no convés. Os sons do casco rangendo e das amarras voltaram a aparecer, como se naqueles momentos terríveis, o navio tivesse ficado congelado.

Vagarosamente, o navio começou a se mover, levado por uma brisa leve, mas nada se movia no convés, e o leme girava lentamente para um lado e para outro.

A brisa que levava o navio carregava mais uma notícia trágica, um ataque brutal a um navio, que não tinha deixado nenhum sobrevivente. Uma prova incontestável de que algo inacreditável estava acontecendo naquelas águas.

E de que alguma coisa precisava ser feita.

O Navio Fantasma

Despertar Inesperado

Eram cinco horas da madrugada, quando alguém bateu forte à minha porta. Levantei-me assustado e olhei em volta, tentando entender o que estava acontecendo. Abri e fechei os olhos algumas vezes ainda inebriado pelo sono, em dúvida se o som que havia ouvido era real ou uma ilusão causada pelo cansaço do dia anterior.

Quem diabos poderia ser? Teria ouvido ou não o som de batidas na porta? Talvez tudo não passasse de uma impressão. Aguardei meio sonolento que a batida se repetisse.

Novamente bateram à porta, desta vez com mais força, confirmando que minha audição não tinha se enganado e removendo qualquer possibilidade de ter sido um sonho. Levantei-me e caminhei em meio à escuridão. “Se for o meu vizinho, o Sr. Smith, completamente bêbado como das outras vezes, e me disser sorrindo e com a cara

deslavada que errou de porta, juro que desta vez dou uma dose de estricnina dizendo que é uma dose de rum”.

Dirigi-me para a porta com meus olhos ainda se acostumando com a escuridão que reinava na minha casa. Ao abri-la, finalmente acordei.

Não era o Sr. Smith.

Havia três militares do Forte Rochedo bem à minha frente. Estavam fardados elegantemente. Dois deles eram soldados, mas o terceiro homem eu conhecia desde a infância. Era o Capitão Kurchov, um dos comandantes da nossa Marinha de Guerra. Fiquei surpreso com a presença daqueles militares à minha porta naquela hora da madrugada, e muitos pensamentos passaram na minha cabeça, tentando encontrar os motivos que traziam tão importante figura à casa de um jovem médico.

— Doutor David, já nos conhecemos há bastante tempo, mas talvez o senhor não lembre mais de mim. Sou o Capitão Kurchov e peço desculpas por estarmos aqui nesta hora importuna, mas precisamos conversar sobre um assunto urgente, de grande importância para o Reino.

— Capitão Kurchov, eu me lembro muito bem do senhor, apesar de fazer muito tempo que fomos apresentados. Por acaso há algum problema na Marinha de Guerra que precisa dos meus serviços?

O capitão olhou para os dois lados escuros do corredor para ver se mais alguém tinha aberto uma porta e estava escutando a conversa.

— O assunto que tenho para tratar com o senhor é de alta prioridade, e peço que nos permita entrar para que eu possa explicar os detalhes.

Naquele momento me dei conta de que estava deixando um capitão da marinha, um herói de guerra condecorado pelo Rei parado, parado na minha porta, como um homem qualquer.

— Que indelicadeza a minha! Por favor, entrem. — falei um pouco assustado, não conseguindo esconder este sentimento diante da presença dos militares.

Assim que entraram, tranquei a porta. Dirigi-me então à mesa e acendi um lampião. A sala clareou um pouco. Era pequena, assim como o apartamento que eu morava. Havia poucos móveis naquele cômodo, uma mesa de madeira com seis cadeiras. Sobre a mesa ainda estavam o prato sujo, um copo e uma garrafa de vinho, resultado do jantar de algumas horas atrás. Duas estantes com livros de medicina e filosofia,

com alguns cadernos de anotações que eu costumava fazer. O chão era coberto por um tapete vermelho com detalhes em amarelo e um quadro de um navio sendo castigado por uma tempestade enfeitava uma das paredes.

O Capitão Kurchov aproximou-se do quadro e ficou por alguns instantes observando-o, estudando a imagem impressa na tela, buscando detalhes na pouca iluminação que incidia sobre o quadro. Confesso que até mesmo eu, mesmo depois de vê-lo tantas vezes, volta e meia ainda descobria alguns detalhes na pintura, e podia jurar que as vezes ele parecia mover-se, ora um pouco para frente, outras um pouco para trás. Mas sabia que isso era apenas fruto da minha imaginação e da competência do pintor.

Eu sabia o que o capitão estava pensando, porque ele já tinha visto aquele quadro e também conhecia o pintor.

Por fim, o capitão suspirou fundo e apenas perguntou para a pintura que observava com tanta atenção.

— Como isto pode acontecer?

Eu sabia o que ele estava perguntando, mas evitei responder aquela pergunta porque não tinha sido endereçada para mim e também porque não tinha a resposta. Os dois soldados olhavam para mim com curiosidade, alguém havia dito sobre quem eu era, mas se eles esperavam alguma resposta, eu simplesmente não tinha. Para quebrar o silêncio que parecia sufocar-me, resolvi convidá-los a sentarem-se. Não era educado deixar de pé um oficial tão graduado.

— Não, obrigado. — disse o capitão. — Infelizmente nosso tempo é muito curto, e nosso assunto é de extrema urgência.

Tinham uma expressão bastante séria em suas faces. Algo de muito grave havia acontecido.

— Em que posso ajudá-los? — perguntei, mas no fundo do meu coração temia saber a verdade daquela inesperada visita.

— Doutor David, fiquei feliz que tenha lembrado de mim, apesar de já ter passado vários anos do nosso encontro e temo que a visita de hoje seja bem diferente da outra ocasião em que fomos apresentados. Eu venho aqui sob ordens do almirante Dimitri, que solicita sua presença imediata no Forte Rochedo.

Um arrepio percorreu meu corpo dos pés a cabeça.

Uma convocação daquela era quase uma convocação real. A grande maioria das pessoas veria aquilo como uma honra, mas não eu. Um

medo angustiante foi tomando conta de mim, e no meu íntimo eu comecei a desconfiar do que se tratava, mas analisando os homens a minha frente, procurei não demonstrar o que estava sentindo.

— Mas o que aconteceu? — perguntei prontamente — Alguém está doente? Houve algum combate contra piratas e existem feridos?

Algumas possibilidades passavam pela minha mente e uma delas, que eu não havia dito, me parecia ser a mais provável.

— Não, infelizmente não é nada disso e acredito que o senhor saiba o motivo que me trouxe até aqui.

— Não sei capitão, — disse com a voz engasgada — se não é um assunto sobre medicina, não faço a mínima ideia por que estão aqui.

— Trata-se do Vingador dos Mares. — disse o capitão Kurchov, me olhando diretamente nos olhos, para observar minha reação — Ele atacou Os Sete Mares.

Senti-me nauseado, porque aquela notícia confirmava o meu temor, e percebi que os dois soldados olhavam com curiosidade para mim, esperando minha reação.

Não tinha um espelho próximo a mim, mas sabia que meu rosto devia ter ficado vermelho. Eu conhecia a história do navio mencionado, ou pelo menos o que estava sendo divulgado oficialmente.

— Quando aconteceu o ataque?

— Infelizmente não tenho autorização para fornecer maiores informações e sim para escoltá-lo até o Forte onde está acontecendo uma importante reunião para a qual o senhor foi convocado.

Minha mente trabalhava depressa. Parte dela queria livrar-se da convocação e pensava rapidamente em como fazê-lo. Outra estava excitada e orgulhosa por tal convite, mas o fato concreto era que para um homem com o prestígio do famoso Capitão Kurchov, um Capitão da Marinha, herói da guerra, vir bater à minha porta de madrugada demonstrava claramente duas coisas: urgência e importância.

Mas por que precisavam de um jovem médico para tal situação, que deveria ser no mínimo, de segurança do Reino? Havia médicos na cidade muito mais experientes do que eu...

— Doutor David?

Envolto em meus pensamentos, não sei dizer quanto tempo se passou, mas quando voltei a mim, percebi que os homens estavam diante de mim, esperando minha decisão.

Resolvi que ficar perguntando para mim mesmo não iria trazer-me resposta alguma.

— Muito bem, irei acompanhá-los. Por favor, esperem um pouco, para que eu possa me trocar.

— Muito bem. Temos uma carruagem à espera bem diante de seu consultório. O almirante Dimitri também pediu que o senhor levasse seus instrumentos médicos. Rogo-lhe apenas que não demore.

— Vou me aprontar o mais rápido possível.

Dirigi-me para o quarto e acendi o pequeno lampião que estava sobre a cômoda de carvalho. Uma luz tênue iluminou o ambiente, mostrando uma cama de solteiro toda desarrumada, um pequeno guarda roupa e uma escrivaninha com alguns livros, dois deles abertos, e um caderno de anotações, fruto de estudos da noite anterior. Peguei uma calça preta, que estava dobrada em cima de uma cadeira posicionada no canto direito e a vesti rapidamente. Coloquei os sapatos e uma camisa branca de linho puro que guardava para ocasiões especiais, pois aquela era, com certeza, uma ocasião especial. Por fim, voltei para a sala e dirigi-me à cozinha. Uma pequena tina de água estava sobre a pia de pedra, com alguns instrumentos cirúrgicos. Lavei o rosto com água fria e ajeitei meus cabelos, achando-os um pouco compridos demais. Sequei o rosto, apanhei os instrumentos e voltei para a sala. Abri uma das portas da escrivaninha, peguei minha maleta e coloquei os instrumentos dentro. Em seguida, voltei-me para os três homens, que ainda continuavam de pé e sinceramente pareciam não ter se movido um único milímetro.

— Estou pronto, capitão Kurchov.

— Muito bem doutor. Devemos partir sem nos demormos mais.

Descemos a escada do pequeno prédio de dois andares. Na parte debaixo ficava meu consultório médico. Assim que saímos à rua o vento gelado da madrugada entrou pelas minhas narinas, eliminando qualquer resquício de sonolência. Entramos na carruagem e o cocheiro imediatamente seguiu rumo ao Forte. A estrada por onde seguíamos era de pedra e margeava à baía de Livid. Observei pela pequena janela da carruagem a penumbra que a cobria e pude ver algumas embarcações ancoradas. Havia navios mercantes, barcos pesqueiros e também navios de guerra. O céu ainda estava escuro, a noite era sem nuvens e as estrelas brilhavam com forte intensidade.

Olhei para o capitão, que sentado bem a minha frente, disfarçava o olhar em direção aos navios na baía, quando na verdade, me observava. Resolvi chamar sua atenção na tentativa de colocar uma luz definitiva sobre o que estava acontecendo e por que eu estava sendo chamado, mas ele, educadamente, evitou minhas perguntas. Apenas limitou-se a repetir a informação que já havia me dito antes:

— O Almirante lhe dará os detalhes desta convocação.

Como a viagem até o Forte levaria cerca de trinta minutos, resolvi analisar toda a história com mais calma, ou pelo menos colocar em ordem as informações que eu possuía.

Se você chegou até aqui, é porque gostou desta história, que levou 2 anos para ser concluída, baseada em lendas de navios fantasmas, em mistérios do mar, e é claro, muita pesquisa e dedicação.

Para ter essa cativante aventura completa em seu Kindle ou em sua estante, você poderá escolher os sites abaixo:

Amazon - Versão digital e impressa - <https://amzn.to/35wqKkD>

Americanas - Versão impressa

Submarino - Versão impressa

Shoptime - Versão impressa

Magazine Luiza - Versão impressa

Se preferir um livro autografado, entre em contato direto pelo meu perfil do Instagram, **escritor_alex_bitten**

Eu terei o maior prazer em enviá-lo autografado.

Alex Bitten

Conheça meus romances, curiosidades e novidades...

www.alexbitten.com.br



